



Panorama da Inseminação Artificial no Norte de Minas Gerais

José Henrique Aparecido Amarante de Freitas

Introdução

A inseminação artificial foi introduzida no Brasil em 1938, sendo a primeira demonstração prática realizada por Leovegildo Jordão e José G. Vieira. Em 1950, os brasileiros Mascarenhas e Gomes construíram o eletro-ejaculador para bovinos. Smith, Parker e Polge em 1950 conseguiram congelar sêmen de bovinos e caprinos a -79°C . Até então o sêmen era conservado refrigerado, à temperatura de 5°C , mantendo os espermatozoides vivos por 96 horas. Esta descoberta possibilitou a conservação do sêmen indefinidamente e proporcionou maior difusão da IA, expandindo a sua utilização efetivamente. No Brasil, a técnica só ganhou impulso a partir de 1970 quando foram criadas as primeiras empresas especializadas [1]. Porém embora houvesse um aumento significativo da utilização da técnica, as regiões mais secas foram as que menos aderiram a tecnologia, por diversos fatores, que inclui, falta de conhecimento, informação, tradicionalismo dentre outras.

Este trabalho teve como objetivo, analisar a região Norte Mineira, levantando dados de quantidade de animais por propriedade, e sobre o conhecimento e utilização da inseminação artificial.

Material e métodos

O delineamento utilizado foi pesquisa exploratória, que considerou aspectos quantitativos (f e %) de respostas oriundas de um questionário semi-estruturado, utilizado para entrevistar criadores de gado de corte e leite no norte do estado de Minas Gerais. Ao todo foram visitadas 27 propriedades, ambas foram no Norte de Minas, mais precisamente na região de Janaúba-MG. As perguntas do questionário foram relacionadas a prática de inseminação, levando por base o número de animais na propriedade, número de animais inseminados anualmente, tempo que o produtor utiliza a inseminação artificial e a mão de obra utilizada. Os dados foram computados e expressos em tabela.

Resultados e discussão

As propriedades visitadas foram de diferentes tamanhos, e com isso, o número de animais no rebanho variou entre as propriedades. 44,4% declararam possuírem até 50 cabeças, 14,81% com até 100 e acima de 150 animais um total de 40,74% dos entrevistados (Tabela 1). Entretanto, quando nos referimos ao número de animais inseminados anualmente, 85,18% dos produtores inseminam até 50 animais por ano, sendo que nesse intervalo existem produtores que não chega a inseminar nenhum dos animais do rebanho. 3,7 % declaram inseminar de 51 a 100 animais e 11,11% declararam inseminar mais que 100 animais (Tabela 1). Sendo assim, aproximadamente 73% das propriedades com rebanho maior que 150 animais têm deixado de utilizar uma das biotécnicas de reprodução, visto que 40,74% declaram possuir rebanho com mais de 150 cabeças. Através das análises feitas, considerando os resultados obtidos, entende-se que há pouca difusão da inseminação artificial na região, onde apenas 11 propriedades das 27 visitadas estão aderidas a técnica. Vários fatores podem ser considerados, levando em conta que há uma dificuldade por maioria dos produtores, de aderir à técnica, além de outros fatores citados, como, falta de conhecimento, informação, e tradicionalismo pela maioria.

Deve-se considerar que para aderir ao uso de IA, o produtor deve levar em conta alguns fatores, no qual se deve adequar para obter eficiência [2]. O manejo das vacas em geral, que inclui alimentação, sanidade, bem-estar desses animais, respeitando o escore mínimo, o estado fisiológico, dentre outros [3]. Além disso, as instalações, que incluem curral, brete, os mínimos necessários, tem que estarem em boas condições de uso, facilitando o manejo da prática, e evitando maiores transtornos, ao inseminador e ao animal. Ainda segundo Vanzin [4] quando a técnica não é bem empregada há uma diminuição significativa na taxa de natalidade. O fator cio, quando não utilizado a sincronização, também é muito importante, pois uma eficiente observação de cio é fundamental para que se tenham resultados satisfatórios na inseminação e concepção. Em relação à mão de obra, a maioria das propriedades utiliza a dos próprios trabalhadores, em 64% delas, e em apenas 36% se faz o uso desse serviço terceirizado. Determinada proporção é devida segundo os produtores, haver uma maior economia, quando a mão de obra é dos próprios trabalhadores.



Conclusões

A inseminação artificial ainda é pouco utilizada na região, embora a maioria das propriedades tenham quantidades consideráveis de animais, porém a difusão da técnica tem sido pouco praticada, ligada a diversos fatores, que inclui, falta de conhecimento, falta de interesse de alguns produtores, e tradicionalismo, onde na sua maioria, preferem o uso da monta natural, por considerar o manejo mais fácil, e por requerer menores investimentos.

Referências

- [1] BARBOSA, R. T.; MACHADO, R. **Panorama da inseminação artificial e bovinos**. Documentos 84. Embrapa Pecuária Sudeste. São Carlos. 2008.
- [2] MIES FILHO, A. **Reprodução dos animais e inseminação artificial**. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 1978. v. 2, 765 p.
- [3] JESUS, V. L. T.; GABRIEL, A. M. A. Fatores que interferem na inseminação artificial: buscando soluções. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 66-70, 1998.
- [4] VANZIN, I. M. Manual de inseminação artificial Pecplan Bradesco. Disponível em: <http://www.pecplanabs.com.br>. Acesso em: 11 Jul. 2015

TABELA 1- Caracterização das propriedades quanto o rebanho, o número de animais inseminados, o tempo de uso da técnica e tipo de mão de obra utilizada.

Parâmetros	Resultados	Frequência	%
Nº de animais na propriedade	0-50	12	44,4%
	51-150	4	14,81%
	>150	11	40,74%
Nº de animais inseminados anualmente	0-50	23	85,18%
	51-100	1	3,7%
	> 100	3	11,11%
Há quanto tempo utiliza a I. A	1-2 anos	1	3,7%
	3- 4 anos	2	7,4%
	> de 4 anos	8	29,63%
Mão de obra utilizada	Próprios trabalhadores	7	64%
	Terceirizados	4	36%

I.A.= Inseminação artificial